

# **Branquitude e identidades culturais latino-americanas na Comunicação audiovisual contemporânea: ensaio comparativo entre Brasil e México<sup>1</sup>**

Geisa Rodrigues<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense

## **Resumo**

O presente artigo investiga de forma comparativa os significados atribuídos à raça branca no imaginário nacional do Brasil e do México. Parte-se da hipótese de que a branquitude como lugar de poder articula imagens de controle que se reeditam na Comunicação audiovisual latino-americana atual, demonstrando a capacidade de adaptação temporal, cultural e geográfica do projeto de poder colonial. Após uma breve contextualização do processo de formação das identidades nacionais no século XX em cada país, são expostas as imagens que ajudaram a estabelecer hierarquizações raciais instrumentalizando a mestiçagem. Em seguida é feita uma análise de peças audiovisuais produzidas entre 2015 e 2020 para desvelar as práticas discursivas renovadas de manutenção da branquitude no poder, observando as nuances e semelhanças de articulação nas duas realidades políticas.

## **Palavras-chave**

*Branquitude- identidade nacional-América Latina –comunicação audiovisual- relações de poder*

## **Resumo expandido**

Em 2023 tive a minha segunda experiência de moradia fora do Brasil para realizar um pós-doutoramento no México. A primeira se deu em final dos anos 1990, em São Francisco, na Califórnia. No Brasil sempre fui identificada como uma mulher branca, mas bastou pisar os pés no nos EUA para deixar de ser tratada como branca e ser identificada como latina (ou não-branca), como faziam com grande parte dos latino-americanos residentes. Reitero que em momento algum comparo essa experiência com a do negro no Brasil, que tem suas nuances e características próprias. Uso o exemplo apenas para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2024

<sup>2</sup> Professora Associada do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense

demarcar a branquitude como um critério flexível e contextual, como será exposto mais à frente. Mais de vinte anos depois, ao me mudar novamente para o hemisfério-norte, mas agora para o México, país latino-americano colonizado por europeus, como o Brasil, passei a ser identificada como estrangeira de origem europeia ou americana. Raramente era identificada como latino-americana. Essa experiência me instigou a refletir sobre o que aproximava e distanciava Brasil e México, em termos de seus demarcadores raciais. Ao perguntar a essas mesmas pessoas com que etnia se identificavam, em geral me respondiam: mexicanos de pele clara. Trata-se de um termo muito usado por muitos mexicanos mestiços para diferenciarem-se da população indígena e negra.

Imediatamente, uma cena não parava de vir à minha mente: estamos em 2019, durante a exibição do filme *Bacurau*, 2019, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e a plateia se regozija com a sequência em que a dupla de brasileiros “vilões” arrogantes é humilhada pelos estrangeiros para os quais trabalham. Ao tentarem se equiparar aos estrangeiros como “iguais”, dizendo que vêm de outra região (Sul) do Brasil, que é mais rica e tem colônias alemãs e italianas, são rechaçados com frases irônicas sobre não serem brancos como eles, até culminarem em. “ Vocês estão mais para mexicanos brancos” (whitemexicans). O deleite com a cena, que também funciona como alegoria para os pactos com o capital internacional, se deve também ao período de lançamento. Estávamos em meio ao fatídico governo de Jair Bolsonaro e aquela dupla de alguma forma simbolizava a parcela de eleitores brancos que viu seus privilégios ameaçados e rejeitava as lutas minoritárias. Soma-se a isso o fato de o Nordeste ser a região com maior índice populacional de negros e indígenas e ter sido o principal reduto eleitoral da oposição.

Essa experiência me instigou a investigar aspectos que, apesar das diferenças históricas e culturais, aproximam Brasil e México no que tange aos significados atribuídos à raça branca no imaginário nacional e nas disputas discursivas pelo poder. É fato que, no processo que submete povos e regiões (Europa-colônias, Norte-sul), a hierarquização racial se destacou como uma das principais estratégias mantenedoras da colonialidade (Quijano, 2005). Tal hierarquização gerou desigualdades que, durante o projeto de modernização que deu origem aos Estados-nação latino-americanos, tentaram ser “acobertadas” a fim de garantir o funcionamento dessas nações e sobretudo agradar ao capital externo. Segundo Bento “em todos os lugares em que houve povoamento de pessoas provenientes da Europa, no decorrer da expansão colonial, os alicerces

ideológicos e muitas das consequências da branquitude(...) foram fundamentalmente iguais.” (2022, p. 18). Uso aqui o conceito de branquitude presente nas compilações e atualizações de conceitos estabelecidas por Cida Bento em “O pacto da branquitude” (2022) e por Lia Shucman em “Entre o encardido, o branco e o branquíssimo” (2020). No caso específico da América Latina, a formação de uma identidade cultural que, aparentemente abarcaria todos, fundamentada na latinidade e na mestiçagem, teve a função também de fazer com que determinadas parcelas permanecessem excluídas (Mignolo, 2005). Não à toa a alavancada do conservadorismo neoliberal brasileiro se baseia na valorização da noção de pátria e muitas vezes retoma a ideia de uma nação brasileira em que conviveriam harmoniosamente as diferentes raças.

Vale, entretanto, lançar uma pequena provocação, retomando a imagem da sala de cinema durante a exibição de “Bacurau”. Havia ali também uma maioria de plateia branca e politizada, que preferia não se ver identificada com a branquitude, apesar de gozar de diversos privilégios atribuídos à raça branca. Entre os anos 1980 e 1990 era comum entre os meios menos conservadores a ideia de que no Brasil “Aqui ninguém é branco”(Sovik, 2002) em contestação a quem buscava enaltecer a cor branca e as origens europeias. Temos inúmeros exemplos na música popular, na literatura e em diversos outros produtos culturais que comprovam a celebração da mistura de raças e permeiam até hoje os processos de subjetivação. É fato que aos poucos essas falas foram sendo abandonadas, sobretudo nos meios acadêmicos e de militância, à medida que as conquistas dos movimentos negros e indígenas passaram a questionar a tese da “Democracia racial”, reconhecendo seu histórico de violência e os efeitos do racismo estrutural (Gonzalez, 2020, Almeida, 2019). Mas, se pensamos nos efeitos da cena descrita de Bacurau na plateia de maioria branca politizada, não estaria ela pautada na ideia de uma raça “privilegiada” pela mistura? Até que ponto os produtos audiovisuais que tematizam as identidades nacionais acabam sempre reforçando a branquitude como espaço de poder, mesmo quando aspiram engajamento político?

Levanto como hipótese a ser investigada e explorada neste artigo a percepção de que, se por um lado se observa um aumento (ainda não significativo, convém pontuar) na representatividade na mídia audiovisual, bem como esforços de comunicação antirracista não só num contexto latino-americano, mas mundial, por outro lado o “pacto da branquitude” (Bento, 2022) vem encontrando formas de se perpetuar no imaginário coletivo, assumindo novas roupagens e estratégias cada vez mais sutis e ardilosas. Neste

sentido, a comunicação audiovisual tem um papel crucial por sua capacidade de fixar sensações e afetos às subjetividades em curso. Desta forma, neste artigo busco investigar o funcionamento da colonialidade do poder em sua capacidade de se reeditar em diferentes contextos (geográficos e temporais), numa perspectiva comparativa e expositiva entre Brasil e México, observando as manifestações do pacto narcísico da branquitude retomados em produtos audiovisuais contemporâneos que tematizam e abordam as identidades nacionais.

Num primeiro momento, será feita uma investigação e exposição breve sobre os processos de reinterpretação da herança colonial desenvolvidos em ambos os países no século XX. No caso brasileiro, aos poucos o racismo científico foi sendo substituído pela tese da “democracia racial”, ao passo que ao mesmo tempo, deu-se início a um projeto de “embranquecimento” da população (Nascimento, 2017), após anos de intenso tráfico de escravizados advindos do continente africano. No caso do México a principal tese “conciliadora” se baseia na ideia de que a partir dos três grandes movimentos políticos do país, a saber, a Independência (que teria abolido as castas coloniais), a Guerra da Reforma (com a ideia de cidadania liberal) e a Revolução Mexicana, que mobilizou camponeses e operários, os entraves racistas teriam sido superados, proporcionado a ascensão social de indígenas e negros (Navarrete, 2020). Destaco, neste processo, também, as principais imagens propagadas pelo cinema mainstream na formação das identidades nacionais. A título de exemplo foram selecionadas imagens que posteriormente foram reiteradas e propagadas pelas telenovelas de ambos os países, se perpetuando até os dias atuais. Nesta parte, foi adaptada a perspectiva de investigação do papel do cinema mexicano de Martín-Barbero, ao observar seu processo de construção e *re-sentimento* nacionalista, a partir de três dispositivos de operação sugeridos: a) teatralização; b) degradação e c) modernização. Ainda segundo o autor, as chaves da sedução estariam no melodrama e nas estrelas. “ O melodrama como estrutura de qualquer tema, conjugando a impotência social e as aspirações heroicas, interpelando o popular a partir do ‘entendimento familiar da realidade’(...)” (2015, p. 236), em sua capacidade de despolitizar as contradições cotidianas que envolvem o projeto de nação moderna.

Em seguida será desenvolvida uma análise mais específica e direcionada de produtos audiovisuais mais recentes (com recorte de tempo de 2015 a 2020) de ambos os países, selecionados por retratarem e abordarem diretamente e de forma disseminada um

ideal de identidade cultural nacional. Retomando a questão anteriormente levantada, “Até que ponto os produtos audiovisuais que tematizam as identidades nacionais muitas vezes acabam reforçando a branquitude como espaço de poder, mesmo quando aspiram engajamento político?” , o recorte também se justifica por permitir observar tais incidências após os impactos referentes a fatores e eventos situados a partir de 2010, como a implantação de políticas de cotas raciais pelas universidades federais no Brasil, em 2012, a promulgação do estatuto da igualdade racial, em 2010, o período político de retomada do partido PRI e seu projeto neoliberal e excludente no México, em 2012 e a tragédia que envolveu o desaparecimento de 43 estudantes secundaristas rurais a caminho de uma manifestação em Ayotzinapa, a Primavera Árabe, bem como a propagação posterior ao caso George Floyd do movimento “black lives matter”. Estes, entre outros fatores, aliados ao aumento da capacidade de disseminação de informações e pautas políticas por meio das redes sociais demarcam a relevância do período de 2015 a 2020 por representar um período que reúne reflexos dos eventos anteriores, permitindo a observação de seus impactos políticos.

Serão selecionadas peças escolhidas considerando os critérios: abordagem da temática das identidades nacionais, engajamento relacionado ao campo dos Direitos humanos, alta capacidade de disseminação. Tais critérios permitem a observação dos possíveis impactos no imaginário nacional das formas de representação identificadas. Serão selecionados três materiais de cada país, contemplando uma peça publicitária, um filme e uma cobertura midiática de evento cultural nacional com grande audiência. Para a análise utilizarei o referencial teórico metodológico da Análise do Discurso de origem francesa, afim de observar, na combinação entre imagem e discurso (Souza, 2002), a evocação da memória colonial e branca de forma dissimulada, considerando a intertextualidade de imagens, palavras e sons. Convém destacar também três conceitos-chave de trabalhos dedicados à questão racial, que permearão a análise :1) a branquitude como lugar de poder (Schucman, 2020 Bento, 2022); 2) o Pacto Narcísico da branquitude (Bento, 2022) as imagens de controle como práticas flexíveis e mutáveis (Gonzalez, 2020, Collins, 2019).

Por fim, buscarei reunir as principais conclusões das análises num esforço comparativo, a fim de desvelar pontos de conexão e nuances entre ambos os países. Articulado os conceitos “ideologia da mestiçagem” (Navarrete, 2020) e o “mito da democracia racial” (Gonzalez, 2020, Nascimento, 2017), evidenciarei o caráter flexível e

adaptável das imagens de controle mantenedoras das desigualdades raciais, mesmo em materiais que se propõem defensores dos Direitos humanos. Espero que as reflexões deste trabalho possam contribuir para a constituição de práticas discursivas e estéticas capazes de efetivamente romper com a estrutura colonial e a hierarquização racial que ainda hoje permeia as identidades figuradas nos produtos culturais e os processos de subjetivação na América Latina.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. (feminismos plurais).

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GOSFOGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CARRERA, Fernanda. *Raça e privilégios anunciados: ensaio sobre as sete manifestações da branquitude na publicidade*. Revista Eptic, v. 22, Jan-abril- 2020. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/epitic/article/view/11235/10364>.

CERON-ANAYA, Hugo. *Mestizaje, blanquitud, racialización y clase: un nuevo entendimiento de las inequidades sociales en México*. In *Sociológica México*, Nueva época, año 37, número 106, julio-diciembre de 2022, pp. 157-190

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro : Apicuri, Editora PUC-Rio, 2016.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação / bell hooks; tradução de Stephanie Borges*. São Paulo: Elefante, 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MIGNOLO, Walter. *La idea de America Latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa editorial, 2007.

NAVARRETE, Federico. *La Blanquitud y la Blancura, cumbre del racismo mexicano*. Revista de la Universidad del Mexico, septiembre de 2020. Disponível em <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/ca12bb18-2c40-40dc-add6b0acd62fafbd/la-blanquitud-y-la-blancura-cumbre-del-racismo-mexicano>

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2017.

ORLANDI, E. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 12ª Ed. Campinas: Pontes, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, set. 2005, p. 107-130.

SHUCMAN, Lia V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*: Veneta, 2020.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. 3. ed., atual. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Revista Rua**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 65-94, 2015.

TIPA, Juris. *La percepción del racismo en los medios de comunicación en México*. Estado del conocimiento. Anuario de Investigación CONEICC, Vol. I, No. XXVIII (2021), 74-84 anuario.coneicc.org.mx

\_\_\_\_\_. Tipa, Juris. Las prácticas corporales y el racismo colorista en el contexto mediático en México. *Interdisciplina* 8, nº 22 (septiembre–diciembre 2020): 113-135. doi: <https://doi.org/10.22201/ceiich.24485705e.2020.22.76421>